

O Documento como fonte e objeto no Ensino de História

Ana Maria Ribas

Inúmeras linguagens vêm sendo incorporadas pelo professor em sua prática, indo ao encontro das problematizações do nosso ofício, desde as últimas décadas do século passado, em torno do que é fonte e de como definir objeto no escopo do conhecimento histórico. A retomada do papel do sujeito, as interações entre indivíduo e coletividade, a revalorização das experiências humanas e a importância das representações sociais, para além dos modelos macro analíticos, resultaram, dentre outras, na investigação dos processos identitários que se encontram diretamente articulados à formação/invenção de tradições culturais. Nesse sentido, a cultura – enquanto textura dos vínculos entre os homens no entrecruzamento de temporalidades várias – adquiriu dimensões bem mais amplas para a escrita-ensino da história ao ofertarem *materiais* que vão desde manuscritos, textos impressos e imagéticos até oralidades, ‘monumentos’, obras de arte, manifestações populares, museus, bibliotecas, cidade, dentre outros.

Nesse contexto, a noção de documento foi reelaborada e se ampliou. Documento que ou desvela *territórios* do passado, os quais foram sacralizados e “arquivados” pelos construtores da nacionalidade, ou cultuados no terreno movediço da memória coletiva ou, ainda, entendidos como indícios ou sinais de algo que não existe mais e por isso compõe tão somente reminiscências. Por seu turno, problematizar um documento desvela mais o exercício de captura do presente, uma vez que a necessidade permanente de lembrança e da repetição do passado como *leitmotiv* acaba engessando a vida e impedindo o homem de ser criador, leitor e transformador da realidade.

Os *approaches* teóricos perpassados pelas demandas do nosso tempo colaboraram, sem dúvida, para que outras propostas metodológicas e comportamentos pedagógicos adentrassem no universo docente, tendo em vista repensar conteúdos, organizar projetos

disciplinares e/ou interdisciplinares, criar intervenções pedagógicas, preparar materiais didáticos, promover encontros, montar núcleos e laboratórios de pesquisa voltados ao ensino e assim por diante. Possibilidades múltiplas vêm se abrindo ao professor, ampliando saberes e dinamizando práticas. Do mesmo modo que uma nova concepção de ensino, que ultrapassa o âmbito da disciplina, é concebida em uma perspectiva multicultural. Perspectiva que permite àquele professor, que indaga sobre o *seu* tempo, elaborar intersecções nos diferentes campos do saber, a fim de repensar o ensino dentro de uma dimensão plural, que tem como ponto de partida o reconhecimento do homem como sujeito histórico.

O laboratório como *lugar* articulado de pesquisa e ensino; o cinema; a cidade e a literatura; a iconografia; a cartografia em suas representações míticas e simbólicas, e, por fim, mas não menos, o samba na expressão do Carnaval comparecem nesse número da *Revista Encontros*. Articulados à pesquisa, tais temas ensejam novas reflexões em prol do Ensino de História, não como materiais reificados que servem para ilustrar aulas, mostrar acontecimentos e comprovar fatos. Ao contrário! Desde o tema, a escolha do documento, as interrogações, as provas e contraprovas até a utilização do documento em sala de aula, o professor — por meio de leituras enviesadas — coloca em ação a sua formação de historiador. Realiza, por exemplo, a crítica interna e externa da fonte, considerando quem, como, por quê e para quê foi elaborada, e relacionando-a inclusive com a produção historiográfica existente.

Importante ressaltar que esses ‘materiais’ ajudam a construir no cotidiano escolar leituras de si e do outro. A cada documento, descobertas... E mais — a cada ‘documento’ que temos em nossas mãos, escrituras de um passado que adquire significado(s), guardadas as devidas especificidades temporais, como parte do trabalho do professor e seus alunos em *um* presente.

* * *